



Sapatos nos pés, *street papers* nas mãos: um caminho para mudança

Suzana Rozendo¹

RESUMO: Este artigo faz uma breve descrição das características e do modo de vida das pessoas em situação de rua e aponta como uma mídia alternativa pode romper com o estereótipo de que nas ruas só existem pessoas incapazes. Este produto jornalístico, que cresce em escala mundial, além de legitimar o indivíduo como trabalhador, não exige nenhum grau de escolaridade ou qualificação profissional e pode ser um novo caminho para quem deseja resgatar sonhos e ser menos dependentes de ajudas assistencialistas ou de caridade.

PALAVRAS-CHAVE: *Pessoas em situação de rua, Street Papers, Trabalho.*

¹ Possui graduação em Comunicação Social Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2008). Atualmente é mestranda na linha de Processos e Produtos Jornalísticos da Universidade Federal de Santa Catarina, bolsista Reuni e tem por objeto de estudos os *street papers*.

Introdução

Pessoas em situação de rua: quem são e como vivem?

Eles e elas estão por onde quer que se ande. Homens, mulheres, idosos, crianças que são notadas principalmente por seus comportamentos que fogem aos padrões ditos normais pela sociedade. Estamos falando das pessoas em situação de rua que, muitas vezes, usam vestes sujas, andam com pés descalços, têm a calçada para dormir e restos de comida para comer. Em geral, esta clientela quando noticiada pela grande mídia tem como foco violência, massacre ou desrespeito:

Os meios de comunicação brasileiros exibem a todo momento -ao vivo e em cores, em tempo real - a dinâmica doentia desse corpo social esfacelado. Esses retratos dinâmicos são oferecidos nos jornais nacionais televisivos como parte dos jantares de cidadãos que olham tudo atônitos e respiram aliviados quando o foco da emissora passa para cenas mais amenas (ALVAREZ *et al*, 2004: 50).

Sobre este sentimento de repulsa que muitas pessoas têm sobre este contingente, Mattos e Ferreira (2004), ao traçarem um esboço sobre as representações sociais acerca deste grupo, sublinham, com o devido destaque, que “o cidadão em situação de rua não é visto como um igual, como integrante da mesma espécie, apenas não é visto, como se fosse coisa” (MATTOS & FERREIRA, 2004: 52).

Embora o crescimento das pessoas que fazem das ruas seus locais de moradia e trabalho tenha acentuado nas últimas décadas, esta problemática não é recente. Pereira (2008), ao analisar as origens e expansão do fenômeno da população de rua, aponta que desde a Antiguidade “houve pessoas que fizeram da rua o seu lugar de moradia e sobrevivência, essa situação aplicava-se, na maioria das vezes, a indivíduos com transtornos mentais, andarilhos, viajantes ou exilados” (PEREIRA, 2008: 36). Sob a ótica de Bursztyrn (2001), o problema de quem vive no meio da rua é tão antigo quanto a própria existência das ruas e isto influenciou o pensamento de importantes pensadores e romancistas. “A existência de hordas de miseráveis nas cidades pré-industriais –, e mesmo após a Revolução Industrial (...) influenciou Charles Dickens e Victor Hugo, na literatura, e Marx e Engels, no pensamento político”.

Na atualidade é comum nos defrontarmos com diferentes nomenclaturas sobre este grupo social, mas, para evitar termos pejorativos, como moradores de rua ou pedintes,

optamos por utilizar a expressão pessoas em situação de rua. A importância em não usar termos conotativos, além de romper com estereótipos, serve para pensar nestas pessoas como seres humanos dotados de capacidades, que, pelos mais diversos motivos, estão dormindo nas ruas, mas podem, no futuro, mudar o rumo de suas vidas. Bessa (2009) postula ainda que:

As diversas formas que depreciam e desqualificam o ser humano que está vivendo essa grave problemática social podem até colaborar para a transformação social, mas podem, por outro lado, contribuir com a estigmatização das pessoas e com o fortalecimento do ponto de vista da ‘impossibilidade’, que nesse caso está paralelo à um processo de naturalização (BESSA, 2009, p.65).

Mattos (2006) salienta que as variadas denominações existentes para tratar estas pessoas estão relacionadas também com a variedade de formas de vivenciar a rua.

Em outras palavras, a população em situação de rua é bastante heterogênea. Tal heterogeneidade está ligada a alguns aspectos, como as peculiaridades da situação de rua nas diversas regiões brasileiras e a infinidade de histórias de vida desses indivíduos em uma mesma região (MATTOS, 2006: 38).

Nesta mesma linha de pensamento, Pereira (2008) esclarece que não é possível pensar nas pessoas em situação de rua como se fossem um “mingau”, afastando a ideia de homogeneização que as pessoas atribuem a elas. Nem todas as pessoas de rua são sujas, perigosas, ingênuas, viciadas, coitadinhas ou loucas. Na rua há de tudo um pouco:

As próprias circunstâncias que levam as pessoas para rua são variadas. Englobam desde brigas familiares, abandono, doenças, transtornos mentais, drogadição, até a distância do local de trabalho, perda de emprego, calamidades naturais, tragédias pessoais. Há diferenças também na forma como sobrevivem, seja pedindo esmolas ou trabalhando precariamente como catadoras de lixo, flanelinhas, vendedoras de balas e bebidas. Conclui-se que o único ponto em comum, que os situa dentro de um mesmo grupo social, é a situação limite de pobreza a que estão submetidos, isto é, o fato de fazerem da rua local de sobrevivência e estarem expostos aos mesmos perigos e condições subumanas de vida (PEREIRA, 2008: 70).

Contudo, ao caminhar na contramão desta última afirmação, nem a pobreza que comumente é associada a este grupo, pode ser generalizada, como relata Fábio dos Santos Cardoso: “Já encontrei foi doutor perdido na rua, gente de profissão que tá na rua jogado só através da cachaça”² (informação oral). Outro exemplo similar pode ser

² Esta entrevista foi realizada pela autora para compor um videodocumentário utilizado para apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Fábio do Santos Cardoso estava em situação de rua há 25 anos, na época (2008) com 33 anos. Este trecho pode ser visualizado aos 13’30”. Disponível em: <http://suzanarozendo.blogspot.com/2009_09_01_archive.html>

observado no depoimento de um desabrigado de 33 anos que, apesar de ser de família com alto poder aquisitivo, preferia viver nas ruas de Campo Grande/MS para ter mais liberdade de fazer uso de entorpecentes³.

Márcia Tiburi (2011), no artigo “Ninguém mora onde não mora ninguém” enfatiza que “pode-se encontrar entre os que vivem nas ruas até mesmo quem não se sente em situação de injustiça social”, como é o caso deste homem supracitado, que dizia também ser o “mimadinho da família” e tinha autonomia para voltar para casa quando e se assim desejasse. A autora comenta ainda que estas pessoas que dormem nas esquinas das cidades e circulam pelas ruas carregando seus pertences, levam consigo grandes histórias de vida:

Não é raro encontrar ricas histórias de vida entre as pessoas sem morada, desde aquele que renunciou à vida burguesa por considerá-la insuportável, até quem por meio de inesperadas leituras filosóficas criou um significado para o ato de “habitar” a transitoriedade, ou seja, “desabitar” intransitivamente e estar assim, na mera existência (TIBURI, 2011).

Vários estudos empíricos acerca da população de rua mundo afora chegam à conclusão de que estas pessoas nada ambicionam, exceto a sua própria sobrevivência. São depressivos e indiferentes à própria sorte. É comum os dependentes químicos viverem em turmas (“malocas”), fazendo qualquer coisa, como, por exemplo, cuidar de carros, para sustentar o vício, pois suas vidas se resumem a conseguir dinheiro para comprar e usar drogas.

Os sem-teto passam frio e fome constantemente, embora existam, nas grandes capitais, redes assistencialistas que atendam à demanda, oferecendo sopas, cobertores, albergues e pousos temporários. Muitos deles preferem viver a esmo nas ruas a serem submetidos às regras dos albergues municipais, como é notável na fala de Fátima Ferreira Martins, em situação de rua há trinta anos, indignada por ser obrigada a dormir na ala das mulheres “Igual ontem eu falei para o cara do Cetremi (Centro de Triagem do Migrante), falei mesmo: se não for para ficar do lado do meu marido, se for para dormir longe dele, então eu prefiro ficar na rua⁴” (informação oral).

³ O entrevistado citado no texto, sobrinho de um então Senador do Estado, aparece na tela conversando com a autora em inglês e em espanhol.

⁴ Fátima Ferreira Martins em situação de rua há trinta anos, na época (2008) com 45 anos. Entrevista concedida para o videodocumentário *Droga de Rua*, aos 14’30”. Disponível em: <http://suzanarozendo.blogspot.com/2009_09_01_archive.html>

A população de rua é acostumada a viver sem regras e sem horários, portanto, é comum este tipo de resistência e desentendimentos entre funcionários de abrigos públicos:

Conhecidos como local de passagens, uma vez que oferecem abrigos de curta duração, os albergues têm horários definidos e regras consideradas rígidas pelos usuários, além disso, os internos precisam deixar seus objetos pessoais, submeter-se ao banho vigiado e permanecer em silêncio. Tais regras impelem conflitos entre frequentadores e agentes quanto à funcionalidade da instituição. A questão se agrava quando se observa a existência de uma regra implícita que relaciona bom comportamento a tempo de permanência (RODRIGUES, 2011: 22).

Ainda em relação aos albergues, José Fernandes Junior de 43 anos, em situação de rua há oito, relata como é sua rotina no albergue público Arsenal da Esperança, entidade social mantida pela prefeitura de São Paulo em parceria com uma instituição católica e que abriga, diariamente, 1.500 homens no bairro Brás:

O tempo passou, eu fiquei com aquela desestruturação familiar, cada um foi para um espaço, eu fui parar em situação de rua, fui para o albergue e eu fiquei procurando as famigeradas bocas de rango, ação das instituições religiosas, ou católica ou espírita ou evangélica que servem refeições para pessoas em situação de rua. Aqui em São Paulo todo abrigo é noturno, não serve almoço, normalmente a pessoa é acolhida lá pelas cinco da tarde, vai tomar um banho, lavar uma muda de roupa e fazer a janta para dormir. No dia seguinte ela toma um café e ai a pessoa é obrigada a ficar perambulando pelas ruas da cidade o resto do dia (informação oral)⁵.

5

Alexandre Padin, ao dedicar-se ao estudo da comunicação presencial das pessoas em situação de rua na capital paulista, avalia o vínculo comunicativo que se dá de forma verticalizada nestas instituições públicas e assistencialistas:

Para os moradores de rua, feridos e desertores, há o caminho da confinção por meio das redes de albergues e programas de frente de trabalho. Não se inclui ai nenhuma possibilidade do restabelecimento das relações horizontais de comunicação. É um caminho complexo que a sociedade paulistana não parece disposta a trilhar. Mas sem isso, o único fruto que se colherá é a exarcebação das diferenças (PADIN, 2007: 32).

Em alguns discursos, estas pessoas afirmam que são acostumadas a apanhar e sofrer violências de autoridades. Mesmo a lesão corporal, o constrangimento ilegal, a ameaça e a tortura configurarem no Código Penal Brasileiro como crime, alguns militares ainda abusam do poder quem têm:

⁵ Entrevista concedida à autora, em São Paulo, em janeiro de 2011.

Gato e Rato

A gente já conhece bem a rotina. Tem variações, mas o espírito é sempre o mesmo. Durante o dia tem o cutucão com o cassetete no osso da coluna e no vazio (pegando o rim, o vazio e a boca do estômago). Se tem um muro perto, então é certo: batem com o rosto na parede. A concha no ouvido virou bom dia. Mas em geral a primeira coisa mesmo é o tapa na cara. Primeiro eles batem, depois revistam. Aí que checam os documentos. Alguns, eles conhecem. Quando estão com um colega novo, já avisam: “Este aí não precisa bater o registro porque não tá devendo”. Mas, mesmo assim, não saem sem o tchau. Sempre batem na cara. Tem uns que são ainda mais violentos, que já chegam com “oitão na cara”, te tocando contra a parede e perguntando qual as tuas broncas. Se mentir, é pior.

Mas nem todas as abordagens são assim. Na quinta-feira, dia 11 de junho os cavaleiros do 4º Regime de Polícia Montada (RPmon) abordaram na elegância. Pediram que ninguém corresse e para levantar as roupas. E o sargento pegou os dados para ver se alguém tinha bronca. Como ninguém tinha, ele disse pra não fazer bagunça e deu boa tarde pra galera.

Sabemos que ninguém é santo. Dependendo do lugar dá para entender porque eles desconfiam e chegam forte. Eles não sabem a reação da pessoa nem quem ela é. Mas isso justifica o abuso de autoridade? E se a arma dispara quando eles colocam na cara do sujeito? E quando a pessoa não deve nada, por que batem? Os policiais se mordem porque a sociedade ajudam a gente mas principalmente, porque a gente sempre volta após apanhar. Parece um jogo de gato e rato. A sinaleira e as ruas são o emprego de muitos. (Jornal Boca de Rua, 2010: 6)

Além da situação relatada por pessoas em situação de rua em Porto Alegre/RS, já foram pauta na mídia os desabrigados que morrem por facadas ou queimaduras enquanto dormem. Um crime que chocou o Brasil foi o do índio Galdino, queimado vivo, em 1997, enquanto dormia em um ponto de ônibus, em Brasília/DF. Alguns temem tanto a morte de forma cruel que preferem andar sozinhos e dormir escondidos em algum matagal. Durante o dia, em locais onde há grande circulação de pessoas, quando estão cansados, aonde chegam, deitam e dormem. É o momento em que costumeiramente os encontramos sobre as calçadas, nos bancos, debaixo de marquises ou no chão das praças. A maioria recusa-se a buscar ajuda médica, sofre algum tipo de doença e sente dores que são amenizadas pelo constante uso de álcool.

Uma pesquisa realizada em 2007 pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome aponta os principais motivos que levam as pessoas a viver nas ruas. Os entrevistados, maiores de 18 anos, disseram ter problemas de alcoolismo ou drogas (35,5%), de desemprego (29,8%) e desavenças com parentes (29,1%); 71,3% citaram pelo menos um desses três motivos⁶. A psicóloga de uma instituição de caridade de

⁶ Disponível em: <http://www.mds.gov.br/gestaodainformacao/biblioteca/secretaria-de-avaliacao-e-gestao-de-informacao-sagi/cadernos-de-estudos/pesquisa-nacional-sobre-a-populacao-em-situacao-de->

Campo Grande/MS que abriga pessoas idosas em situação de rua comenta o problema da desestrutura familiar. “Quem tem afetividade em casa não aceita morar na rua⁷” (informação oral)⁷. Da mesma forma, Alvarez *et al* (2004), em uma pesquisa cujo problema de investigação se constituiu na busca da caracterização de uma interação psicossocial com pessoas em situação de rua de São Paulo, sinaliza que algumas pessoas observadas recordavam a própria infância e o abandono por parte dos pais, o que corroborava para o sentimento de exclusão:

As relações desenvolvidas entre os componentes do grupo, o uso de drogas, o estado de abandono, de exclusão, os empurravam para baixo e cada vez mais para as sarjetas, sendo que para alguns o trânsito pela droga – notadamente o crack – e a criminalidade tornou-se quase inexorável. O sentimento da vergonha foi manifestado por eles, face à situação em que viviam (ALVAREZ *et al*, 2004, p.49).

Muitos se acostumaram com a vida da rua desde criança, assumiram a condição de mendicância e não desejam mudar seus hábitos, como é o caso de Fábio: “Desde que meu pai separou da minha mãe, que eu tinha seis anos de idade, atrapalhou tudo na minha vida. Eu acostumei com a vida da rua.⁸” (informação oral). Outros, porém, ambicionam ardentemente sair desta situação.

7

Trabalho: uma forma de legitimação do indivíduo

O trabalho é primordial na vida do homem, além de conferir ao indivíduo dignidade pessoal (VIEIRA, BEZERRA e ROSA, 1992). Quem trabalha pensa, gasta energia física e mental, produz bens e serviços utilitários necessários à manutenção da espécie humana, interage com outras pessoas, movimenta a economia e tem a possibilidade de desenvolver-se socialmente. Pessoas em situação de rua, que, às vezes, sequer possuem documentos próprios, em geral, não conseguem arrumar trabalhos formais, com

rua/Pesquisa%20Nacional%20sobre%20a%20Populacao%20em%20Situacao%20de%20Rua.pdf/view?se
archterm=levantamento pessoas em situação de rua. Acesso em 11/05/2011.

⁷ Andreza David Gazal em entrevista concedida à autora para o videodocumentário Droga de Rua, aos 12’57”. Disponível em: <http://suzanarozendo.blogspot.com/2009_09_01_archive.html>

⁸ Entrevista concedida para o videodocumentário Droga de Rua, aos 12’45”. Disponível em: <http://suzanarozendo.blogspot.com/2009_09_01_archive.html>

carteiras assinadas. Este é um dos fatores, dentro de uma problemática maior, que ajuda a não legitimar este grupo como pertencentes à raça humana. “Desprovidas desta referência, as pessoas em situação de rua, apesar de desenvolverem atividades informais (...) são consideradas como improdutivas, inúteis, preguiçosas e vagabundas” (MATTOS & FERREIRA, 2004: 49). Rodrigues (2011) acrescenta:

Numa sociedade capitalista que se organiza com base na compra e venda da força de trabalho, a legitimidade social e a dignidade pessoal de um indivíduo se afirmam por meio da ética do trabalho. A população de rua tem um histórico de perdas de empregos e baixa qualificação profissional, assim não se asseguram como integrantes do tecido social (RODRIGUES, 2011: 20).

Existem casos em que algumas secretarias municipais oferecem cursos de capacitação para pessoas em situação de rua, mas os a falta de estudos, a dificuldade de romper com a cultura da rua e de adaptação com rotinas, aliada à baixa qualificação profissional são fatores que fazem com que esta clientela consiga empregos apenas em serviços gerais, como limpeza e jardinagem⁹.

Street Papers: uma oportunidade de mudança

Em meados da década de 90, surgiu no mundo os *street papers*, uma nova proposta editorial para ajudar estas pessoas em situação de rua com baixa escolaridade e qualificação profissional. Esta mídia alternativa com características sociais tem mostrado ser, desde então, uma ferramenta poderosa para quem deseja sair das ruas, ou pelo menos, ficar menos dependente de ajudas assistencialistas e de caridade.

Estas revistas ou jornais de rua abrem espaço para as vozes das pessoas em situação de risco social e por elas são vendidos. A pioneira destas propostas editoriais foi a revista *The Big Issue*, em Londres, fundada em 1991 e considerada a maior do mundo (INSP, 2011). Foi este periódico inglês que impulsionou o surgimento da *International Network of Street Papers* (INSP) e de vários outros projetos editoriais semelhantes criados com o objetivo de gerar renda e estabelecer relações entre sujeitos de níveis sociais diferentes, através do processo de compra e venda dos *street papers*. Esta rede conecta mais de cem *street papers* em quarenta países e ajuda o desenvolvimento de novos projetos. Uma ideia simples, que serve como trampolim para a saída das ruas:

⁹ Disponível em <<http://www.jusbrasil.com.br/noticias/774347/prefeitura-cria-cota-de-vagas-de-emprego-para-moradores-de-rua>>. Acesso em 18/06/2011.

Street papers are not rocket science: they are a simple idea that has proven to be successful in providing a springboard out of homelessness. National and international networks of street papers have been formed to provide a forum where ideas, editorial and working practices can be exchanged and where street papers can go for advice and support (INSP, 2011).

A INSP conta com uma agência de notícias online, a *Street News Service* (SNS), que reúne o melhor do jornalismo dos *street papers*, fornecendo troca de informações, reportagens e fotografias¹⁰. A SNS tem também como objetivo informar e educar a opinião pública em torno de questões socioeconômicas e de justiça social acerca dos direitos das pessoas que vivem em situação de rua. Ela promove o fluxo de notícias sobre as ruas do mundo com a perspectiva de um jornalismo independente e social.

Estas publicações que circulam nos cinco continentes do mundo se caracterizam por ser um mecanismo que propõe solução para a pobreza e atuam como um clamor contra a injustiça, defendendo as necessidades e os direitos dos pobres (INSP, 2011). Os *street papers* também passaram a ser uma alternativa para a propagação dos assuntos que a grande mídia não tem interesse em noticiar, como, por exemplo, a matéria Gato e Rato que denunciava o abuso de autoridade de policiais militares. No Brasil, existem atualmente três *street papers* vinculados à INSP: o jornal Boca de Rua, de Porto Alegre (1999), a revista Ocas¹¹(2002) que circula em São Paulo e no Rio de Janeiro e o jornal Aurora da Rua (2006), de Salvador.

Em geral, os desabrigados, maiores de 18 anos, ganham os dez primeiros exemplares do periódico como forma de estímulo para iniciar as vendas. Depois, eles compram o jornal ou a revista pela metade ou menos do preço de capa e ficam com o lucro das vendas. Todos passam por um treinamento, recebem crachá e uniforme e devem seguir um código de conduta que implica não vender os periódicos sob efeito de álcool e drogas, não pedir esmolas e não molestar as pessoas na rua.

Muitas vezes, os vendedores também participam do processo de produção dos periódicos em algumas organizações que disponibilizam o serviço de oficinas de arte e

¹⁰Disponível em:< <http://www.streetnewsservice.org/about-us.aspx>>. Acesso em 16/05/2011.

¹¹ Quando Ocas¹¹ é citada com aspas, estamos nos referindo à revista. O nome sem aspas faz referência à organização que gere o projeto.

texto. Sobre isso, Mabel Freitas, ao relatar sobre o jornal Aurora da Rua, onde os participantes atuam lado a lado de jornalistas, na co-produção das matérias, aponta os benefícios da proposta:

Os seus protagonistas, desprotegidos pelo status social, convivem diariamente com preconceitos, agressões e conflitos e são considerados seres desprezíveis, que vivem de mendicância, fadados ao insucesso. Sendo assim, o que pensar de um jornal que nasce na rua, produzido e comercializado por pessoas em situação de rua? Um legítimo discurso de identidade! Finalmente, uma leitura de práticas populares redigidas pelos seus próprios agentes (FREITAS, s/d).

Simón Cayuno de 53 anos, vendedor da revista *Hecho en Buenos Aires* há quatro, é um dos participantes da oficina de redação que é oferecida semanalmente na sede do projeto da capital argentina. Na esperança de ver história publicada nos vinte mil exemplares que circulam mensalmente por lá, escreveu o texto “Uma tarde em frente ao mar”.

Em um dia de verão, caminhando rumo ao mar, de repente se escuta um barulho muito forte, como uma gigantesca onda de água. Não vejo nada, só algumas pessoas jogando na areia. De repente se aproxima de mim uma senhorita loira muito atraente que me disse “Você escutou o ruído”? Despertou-me curiosidade, acompanhei a loira para ver o que estava acontecendo. Ao chegar perto do lugar, escutei outro barulho e de repente vi o socorrista trabalhando para resgatar a baleia. Curioso, começo a rodear o lugar e o resgate tão esperado ocorre. Não era uma baleia, era uma senhora acima do peso¹² (informação oral).

10

Patrícia Merkin, fundadora e editora da revista *Hecho* é quem seleciona os textos dos vendedores que compõem mensalmente a coluna *Prensa del Asfalto*, espaço do periódico destinado às produções dos vendedores. Ela explica que é difícil manter o projeto em funcionamento por ser uma organização inovadora. “Temos que desafiar modelos tradicionais, de assistência social, de jornalismo, de cultura¹³” (informação oral).

A falta de patrocinadores e mão-de-obra voluntária são problemas apontados em vários discursos de pessoas que gerem estas organizações, não só na América Latina, mas também em países de primeiro mundo. Para instruir novos empreendedores, um guia elaborado para instituições que pretendem criar iniciativas de *street papers* apresenta dicas de como reproduzir essa ideia em qualquer lugar do mundo. O livreto *A Guide to*

¹² Entrevista concedida à autora, Buenos Aires, novembro de 2010. Tradução nossa.

¹³ Entrevista concedida à autora, Buenos Aires, novembro de 2010. Tradução nossa.

getting started utiliza o slogan “*a hand up, not a hand out*”, que na tradução para o português, o mote seria como o ditado popular, “não dê o peixe, ensine a pescar”¹⁴. José Fernandes Junior, vendedor da revista Ocas”, de São Paulo há sete anos, confirma este lema. “Eu me interessei pela Ocas sobretudo porque é um projeto que não passa a mão na cabeça das pessoas no sentido do assistencialismo¹⁵”(informação oral).

Na perspectiva jornalística, Lima (2011) faz ressalvas à estratégia alternativa e a dimensão de mercadoriedade da proposta, que, no entanto, não pode ser comparada com outros meios do ramo:

Publicações como a revista Ocas” representam um modelo de produção diferenciado, cuja essência não passa pela questão empresarial. Esse modelo de negócios tem outra natureza no que se refere à administração e destinação de seus recursos, bem como em relação à sua relação com a venda e circulação, o que a localiza como uma matriz diametralmente oposta à mercadológica e lucrativa. Justamente por isso, não é possível fazer uma comparação entre tal modelo e os exemplos clássicos do mercado jornalístico. Portanto, é possível o entendimento de que se trataria de um modelo de comunicação alternativo no tocante à sua relação com o mercado, entendendo o conceito de alternativo como possibilidade pouco explorada, distinta das formas mercadológicas para a produção jornalística. Esse modelo interfere nas dinâmicas sociais não apenas por meio de seus conteúdos, mas também ao apresentar uma maneira diferenciada de obtenção e destinação dos recursos advindos da atividade jornalística (LIMA, 2011: 10).

Haddad (2006) considera os *street papers* de suma importância no contexto brasileiro por gerar visibilidade aos excluídos e contribuir para que haja transformações sociais em um país periférico.

Pesquisar a exclusão social e a possibilidade de reverter esse quadro por meio de ações da mídia, em especial de pequenas iniciativas como a revista Ocas”, nos propõe repensar o papel da mídia. Considerando que atualmente a mídia é um mercado de proporções globais (...) de que modo pequenas iniciativas regionalizadas, e em muitos casos marginalizadas, podem reverter certos contextos sociais que em geral excluem a população considerada economicamente inativa, como as pessoas em situação de rua? (HADDAD, 2006: 9)

Reflexões como estas nos incitam a pensar nestes projetos que podem fazer o trabalho um trabalho positivo na vida de muitas pessoas não-viciadas na cultura desregrada das ruas e que almejam ardentemente recuperar sonhos perdidos.

¹⁴ Disponível em:< <http://www.street-papers.org/assets/Documents/How-to-start-a-street-paper-guide.pdf>>. Acesso em 16/05/ 2011.

¹⁵ Entrevista concedida à autora, em São Paulo, em janeiro de 2011.

Considerações Finais

O Brasil é um país fortemente marcado pela concentração de renda e pela desigualdade social. Estes fatores só fazem aumentar as estatísticas da população que perambula pelas ruas e vive às margens da sociedade. Os *street papers* se propõem como uma alternativa para estas questões. No entanto, embora se mostrem bastantes efetivas em seus objetivos finais de geração de renda e visibilidade à população de rua, estas pequenas iniciativas com características sociais não-assistencialistas, estão longe de resolver a problemática da miséria, da pobreza ou da exclusão social, mas podem ser uma ponte da exclusão para a inclusão.

Por meio de seus próprios esforços, os participantes destes projetos podem deixar os albergues para pagar uma pensão, podem deixar as filas das “bocas de rango” e pagar por sua própria refeição. Desta forma, deixam de ser um número e “voltam” a ser gente aos olhos da sociedade. Este trabalho alternativo, que não exige nenhuma qualificação profissional ou grau de escolaridade, ajuda a fortalecer a ideia de que na rua existem pessoas capacitadas, que têm condições de ganhar a vida sem depender do Estado.

Além de se tornarem seres autônomos, enquanto se mantêm ocupadas, estas pessoas ficam menos suscetíveis à violência e passam a interagir com pessoas de níveis sociais diferentes, restabelecendo laços com a sociedade.

12

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ *et al.* “O encontro transformador em moradores de rua na cidade de São Paulo”. *Psicologia & Sociedade*, São Paulo, no 16/ Set/dez de 2004, pp. 47-56. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v16n3/a07v16n3.pdf>. Acesso em 15/06/2011.

BESSA, Décio. *Cidadãos e cidadãs em situação de rua: uma análise de discurso crítica da questão social*. 347 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

BOCA DE RUA, Porto Alegre, n.37, 2010.

BURSZTYN, Marcel. *Vivendo nas Ruas: Brasília Cidade Terceiro-Mundo*. Disponível em http://www.corecondf.org.br/download/brasilgia/artigo_marcel_burszytin.pdf. Acesso em 03/16/2002

CARDOSO, Fábio do Santos. [16 de junho, 2008]. Campo Grande. Entrevista concedida à autora.

CAYUNO, Simón. [18 de novembro, 2011]. Buenos Aires. Entrevista concedida à autora.

FREITAS, Mabel. *Aurora da rua: um sonho impresso*. Disponível em http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_18895/artigo_sobre_aurora_da_rua:_um_sonho_impresso! Acesso 19/06/2011.

GAZAL, Andreza. [04 de outubro, 2008]. Campo Grande. Entrevista concedida à autora.

HADDAD, Júlio César. *Street Papers, Mídia e Reinclusão Social: a revista Ocas*”, 2006. Trabalho apresentado no [XXIX Congresso de Ciências da Comunicação](#), 2006. . Disponível em [http:// www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1599-1.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1599-1.pdf). Acesso em 18/06/2011.

JUNIOR, José Fernandes. [17 de janeiro, 2011]. São Paulo. Entrevista concedida à autora.

LIMA, Verônica. *A apropriação do jornalismo no contexto da desigualdade social urbana: o caso da Revista Ocas*”, 2011. Trabalho apresentado no XIV Seminário de Inverno de Estudos em Comunicação, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2011.

MARTINS, Fátima Ferreira. [16 de junho, 2008]. Campo Grande. Entrevista concedida à autora.

MATTOS, Ricardo Mendes, FERREIRA, Ricardo Franklin. “Quem vocês pensam que (elas) são? Representações sobre as pessoas em situação de rua”. *Psicologia & Sociedade*, São Paulo, no 16/ Maio/agosto de 2004, pp. 47-58.

MATTOS, Ricardo Mendes. *Situação de rua e modernidade: a saída das ruas como processo de criação de novas formas de vida na atualidade*. 2006. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade São Marcos, São Paulo, 2006.

MERKIN, Patrícia. [18 de novembro, 2011]. Buenos Aires. Entrevista concedida à autora.

MEWBURN, Laila & HARRIS, Timothy. *A Guide to getting started*, 2003. Disponível em <http://www.street-papers.org/assets/Documents/How-to-start-a-street-paper-guide.pdf>. Acesso em 18/05/2011.

PADIN, Alexandre. *A comunicação presencial de sem-tetos na cidade de São Paulo: a produção e distribuição da Revista Ocas*”. Dissertação (Mestrado)-Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

PEREIRA, Camila Potyara. *Um estudo sobre a relação entre o Estado e a População de Rua de Brasília*. 2008. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Política Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

RODRIGUES, Robson. *Moradores de uma terra sem dono. Reflexão Sociológica: A aplicação de nosso conhecimento das relações sociais ao cotidiano*, no 32, 2011.

ROZENDO, Suzana. *Droga de rua*. [Videodocumentário]. Campo Grande, 2008. Disponível em http://suzanarozendo.blogspot.com/2009_09_01_archive.html. Acesso em 15/06/2011.

TIBURI, Márcia. *Ninguém mora onde não mora ninguém*. Revista Cult, 2011. Disponível em <http://revistacult.uol.com.br/home/2011/03/ninguem-mora-onde-nao-mora-ninguem/>. Acesso em 10/04/2011.

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa, BEZERRA, Eneida Maria Ramos & ROSA, Cleisa Moreno Maffei. *População de rua: quem é, como vive e como é vista*. São Paulo: Hucitec, 1992.